

# O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

## DUAS PALAVRAS AO ARTISTA.

**M**AL pensavamos que haviamos de dar ao *Artista* tanto incommodo com a nossa apparição; mal pensavamos que o nosso mesquinho — prologo — havia de excitar a sua bilis, a derramar sobre nós o fel sarcastico; mal pensavamos que lhe causaria tamanha irritação o pobre artigo acerca do theatro, que nada mais foi do que a exhibição de um facto mais ou menos colorido, um d'esses enredos, que se nutrem nos bastidores theatraes, e que nunca deixam de pertencer ao dominio do publico.

Mas a sublimada sapiencia do contemporaneo, tocando a méta, e tomando, como deve, para si o *exclusivismo*, não consente que ninguém lhe véde a senda, e muito menos que se aventure a seguil-o, posto que de longe e com tardo passo.

O nosso modesto *prologo* foi obsequiado com estas animadoras palavras — *Que prologo!... Aquillo é que é escrever!... Commettemos é verdade um grande crime em dizer que — o nome era uma voz com que se davam a conhecer as cousas, e muito maior, porque comparamos o nosso*

jornal ao fragil baixel, que sulca o mar procelloso da imprensa; mas esperavamos que não houvesse hoje uma *inquisição* tão forte, que nos compellisse a fogueira. Além d'isso, estavamos no Rio de Janeiro, longe do dominio dos *Padres*.

Ainda mais; dá-nos licença para que digamos alguma cousa — a respeito das *botas de Napoleão, do chapéo de Henrique VIII, da cabelleira de Ganganelle, de Phebo, Phaeton, etc., etc.* Tudo o mais lhe pertence, por exclusivo privilegio!!!...

Após estas *bellezas*, felicita o director, e mais sucia, que elle conhece, lá do theatro pela apparição do nosso periodico.

Ora não ha duvida que o AMOR-PERFEITO foi bastante indiscreto. — Sahir á luz, fallar sobre o theatro, sem que primeiro houvesse de pedir venia ao *Artista*?! ao unico homem que sabe escrever, ao *Poeta por excellencia*, ao varão prestimoso, que só tem licença para tratar sobre o theatro?! ao ente, cujos principios tão rigidos, e cuja moral tão sublimada só em taes assumptos podem dar-lhe direito a decidir *ex-cathedra*?!

E' por certo mais do que arrojo, e

demasiada vaidade!... Em tempo algum devia o AMOR-PERFEITO tocar, nem levemente, n'esse thesouro, cujo exclusivo patrimonio pertencia ao *Artista*. Elle sim, homem experimentado, — ARTISTA eximio, pôde e deve francamente decretar sobre o theatro; fallar com toda a convicção que sóe outorgar a — sã verdade, e uma consciencia pura; porque o — ARTISTA NÃO SE VENDE!!! —

Afrontando porém todos os furores e sátiras do contemporaneo, e de outros, continuaremos em nossa enectada empreza, desprezando polemicas, que nada servem para o nosso fito, e muito menos incensando ou deprimindo injustamente falsas ou verdadeiras *divindades*, com o unico fim de attingir ao ponto de sordido ou mui legitimo interesse.

Estas mal tracadas linhas sirvam de resposta ao illustrado *Artista*, a quem nem de leve nos accusa a consciencia de haver offendido, e do qual não mereciamos, e nem esperamos a acrimoniosa e mordaz satyra, com que se dignou brindar-nos.



### REVISTA DA SEMANA.

**A** TÉ hoje nada tem apparecido nos jornaes d'esta côrte que mereça extractar-se com utilidade para os leitores do AMOR-PERFEITO. O *Jornal do Commercio*, apesar do seu tamanho e largura, contenta-se e continúa a en-

cher-se com os seus — roga-se, aluga-se, precisa-se, etc., e faz bem.... O *Mercantil*, por este lado, é mais pobre, porém sempre rico em polemica, linguagem e estylo, menos nos *folhetins* que affogam os leitores entre vagalhões de sensaboria.

O *Liberal* e *Correio da Tarde* continuam empregando todas as forças para sustentarem o numero de seus assignantes: isto torna-se muito louvavel, por ser a conservação direito natural que se torna inviolavel, e é garantido pela lei de todos os codigos conhecidos.

Da *Marmota* nada podemos dizer além do que ella expende em seus annuncios: — Marmota! Marmota! Marmota! O que corresponde a — Bichas! Bichas!! Bichas!!! — Que pechincha! — Vamos á rua de tal a correr.... mesmo deitando os hofes pela bocca fóra!... Ahi ha objectos preciosos *par bon marché!*

O *Artista* esse — quis taliaẽ fandi tempere et lacrimis — sabe latim! — O seu mister é nobre: trata só do dó, ré, mim, — e de um *mysterioso amor de charada!* — declarando com um chiste inqualificavel e com uma pilheria engraçadissima: — O *Artista nunca dá explicação de suas charadas!*... — Prosiga no seu proposito.... não nos diga nada.... não.... e persuada-se que, em paga do seu sigilo, ha de obter uma boa *grinalda* composta de botelhas de *Salsaparilha de Sands*, e *Xaroqe do Bosque*.

Não gostamos da caricatura — e com a devida venia diremos — que quando nos não apparecesse o cria-

do, que devia ser o J... ao menos o camarão devia estar alçado sobre o *Rafeiro*; e a *Dulcinéa*, com desprezo dos latidos, recebendo o *Jornal*, e entregando — *un petit bilhet doux* — cuidadosamente perfumado em *extrait de miel* para o redactor!...

No theatro não tem occorrido senão o costumado: a Sr.<sup>a</sup> Ida continúa a *gaguejar*, — expressão de um *velhote da geral* — que não podendo dizer *trinado gorgeio* ou *som magico* — disse *gaguejar*, e lavrou tres tentos; porque elle, a nosso vêr, joga a partida com o *Artista*, e o A... Veremos quem ganha.

O Sr. Costa lá vai fazendo o que pôde; o Sr. Brunaci do mesmo modo, e assim por diante. O theatro de S. Pedro d'Alcantara é um completo muséu de numismatica. As coristas parecem moedas dos reis Macedonios; as bailarinas tem certo geito *by-santino*, que nol as faz crêr contemporaneas dos jogos do *Hippodomo*.

Sobre este montão *d'anciens Savoyards* vai proceder-se à reforma: chamamos n'esta reforma a attenção das authoridades, — *primo*, por que os contractos se acham assignados por quem os não pôde garantir; *secundo*, porque não é só por meio de uma escriptura que um homem extranho lhes assigna que os cantores se decidem a vir para longes terras, mas sim pela confiança e respeito que mereça o paiz na expressão geral do estrangeiro; — *tertio*, porque as authoridades não consentem fraudes, e muito mais quando ellas vão recahir sobre o infeliz Ar-

*tista*, a quem se paga com escasso premio o serviço, que elle muitas vezes presta á sociedade em cada baga de suor que derrama. — N'este ponto descançamos não nos empregarios, mas sim na dignidade sempre illeza das authoridades competentes.

Quanto á *Revista Theatral*, apenas diremos que o desforço é sempre justo, é muito nobre, e se torna sempre muito necessario quando se tem de moralisar e satisfazer á sociedade e ao público; mas é sempre muito torpe quando, apresentando esse montão de verdades a que quiz chamar *verdadeiras*, a *Revista Theatral*, desce á baixeza de — gritar ás armas — em um tempo de tanta tranquillidade e de uma paz tão completa! Isto quer dizer que o autor do tal — Artigo Nacional — nos não pôde dizer muitas verdades, sem as entremear de palavras que lhe sejam inteiramente oppostas.

Terminamos pois, reconhecendo que mais não devemos alongar os nossos raciocinios porque seria metter fonce em ceara alheia, sem comtudo deixarmos de confessar que hemos medo da *catastrophe* do tal grito, porque tememos que a Sr.<sup>a</sup> Ida, cedendo ao espirito do seculo e desprezando mesmo os jornaes Austriacos, e a derrota dos *Hungaros* nos venha fazer gelar de susto, querendo imitar os altos feitos de certa heroina portugueza.!

O MONTANHEZ.



## OS ESPECULADORES.

**E**STE mundo é um aggregado de especulações.

Não duvidamos entretanto que haja alguém tão pretencioso, ou falto das lições da vida humana, que se abalance a contestar esta verdade; porém jámais o conseguirá, máu grado empregue todos os recursos da methaphysica, a mais intrincada, e ouse forçar a logica até os ultimos limites.

Eis aqui uma these:

— Um ente deve viver.

— Para viver, é mister occorrer ás necessidades da vida.

— Ora, para o conseguir, ha muitos meios, uns difficeis e trabalhosos, e outros brandos e moderados.

— De qual d'elles se deve lançar mão de preferença?

— Parece razoavel que deve empregar-se os meios menos arduos, e mais proficuos; com tanto que satisfaçam o *disideratum*, que se procura.

A necessidade, quasi sempre, força a imaginação, desenvolve recursos e descobre os meios pelos quaes possa ser satisfeita. A prova d'esta asserção, vemos nós todos os dias n'esta boa e nobre capital.

Entremos em materia.

Qual o desejo hoje dos nossos moços, apenas saindo dos bancos, onde cursaram os primeiros estudos, e ainda muito proximos ás faixas da infancia?

Uma carta de bacharel em direito ou em medicina.

E quando, por qualquer circumstancia, (em a qual tem grande parte o bom dinheiro!) não pôdem satisfazer sua vontade, eil-os que mudam de rumo... eis que se lhes apresenta um campo vasto, — a carreira de empregado publico, — que, apezar de ter seus prós e precalços, tambem traz consigo seu bocado de máu caminho.

Até aqui tratamos de uma classe; vamos

agora ás outras; mas, antes disso, cumpre-nos revelar um dialogo, que ouvimos.

— Não tens de que viver?...

— Estou desempregado...

— Foste despedido, por não poderes supportar o desarrazoado patrão?...

— Assim foi. Esses homens são hoje — uns reis pequenos; — e julgam que ninguém mais lhes pôde subtrair o exclusivo.

— Isso não é nada; nem vale a pena de occupar-se com taes miserias, o pensamento por um instante.

— Mas, estou desarranjado....

— Põe uma fabrica de charutos.

— Não tenho fundos e muito menos credito.

— Faz-te *corretor* de algum *fabricante*.

— Isso é mais facil, porém não chegam os ganhos para a satisfação dos vicios, de que me apoderei, quando tinha frança a gaveta do patrão.

— Arvora-te *mascate volante*; diz que desembarcaste ha pouco de bordo, e que passaste as fazendas, que vendes — tão barato, por contrabando.

— Não acho máu o conselho; porém é muito incómodo andar a estender as pernas por essas ruas.

— Ah! queres sómente gozar o fructo, sem que te sujeites ao trabalho? — Não está máu.... mas julgo que o não poderás conseguir por muito tempo.

— Não é tanto pelo trabalho.... é tambem porque acho seus inconvenientes no conselho.

— E quaes são elles?

— Em primeiro lugar, os *Guardas, Fiscaes, Vigias* e todo esse enorme batalhão de exactores, que por ahi anda, sob variada nomenclatura, são de tal sorte vigilantes, que não deixam um — pobre diabo — pôr pés em ramo verde. Haja vista o que estão praticando com os pobres pretinhos de — cesto e corda, — e com aquelles que

## O Amor-Perfeito.

5

vão pacificamente a serviço de seus Srs., muito antes das horas de recolher.

— Isso agora parece razoavel. Mas qual é o segundo obstaculo, que encontras?

— Eu te digo. Nem sempre os freguezes estão pelas nossas cantilenas; e quando algum se embala com taes lamurias, não trata de comprar-nos mais cousa alguma, assim que conhece o tremendo logro que lhe pregamos.

— Isso tem bom remedio.

— E qual é?

— Trata verdade, e sê homem honrado.

— Isso não é possivel.

— E por que motivo?

— Porque então deixaria o campo livre aos velhacos.

— N'esse caso emprega-te n'uma casa de vigesimos.

— Estás louco, amigo?!

— Pois é tamanho disparate o que acabo de aconselhar-te?!

— Disparate não; mas tem seus conformes.

— E quês são elles?

— Ha mais difficuldade em ser hoje admittido a uma casa de vender vigesimos, do que a ser empregado em uma — repartição pública.

— E qual é a razão d'isso?

— Não sei; mas contar-te-Hei o que tenho podido colligir.

— Terci n'isso muita satisfação.

— A venda de vigesimos é hoje uma — *maçoneria impenetravel*; — e supponho que quem deseju pertencer-lhe tem de passar por provas horriveis.

— Oh! meu Deus! Que estás dizendo?!

— Nada mais do que uma verdade.

— Explica-te.

— O negocio de vigesimos é um dos mais mysteriosos que existem: basta saber a gente com quem, pela maior parte, tem de lidar.

— E quem é — essa gente? — Não me forces tanto a paciencia... explica-te... senão adeus ...

— Ora, não dês cavaco....

— Mas então falla.

— São massas heterogenias... são *cousas*, pela maior parte... são materias brutas.

— Não te julgava tão enigmatico; e por isso não quero mais acrisolar a paciencia...

— Deploro a tua innocencia....

— E eu me felicito por fruil-a....

— Olha que a innocencia, ás vezes, é o caminho mais certo para chegar-se ao vicio.

— Cada vez te entendo menos; e como estás agora philosophando, adeus....

— Então, não queres mais explicações, nem dar-me conselhos?!

— Nada, nada: vejo que não precisas d'elles.

— Pois bem: ouve sempre uma pequena explicação.

— Vamos a ella; mas sem rodeios.

— Pois te persuades que, com 80 reis de 400 ou 600 vigesimos, quando muito, se pagam casas, caixeiros, gasta-se *à la grande* e se enriquece em pouco tempo?!

— Que diabo de enigma é esse? Estás mangando comigo....

— Está bom, amigo; mudemos de conversa. Em outra occasião te darei mais amplas explicações. Vamos agora tratar dos casamentos.

— Basta, basta... já assás me fizeste a cabeça andar á roda....

— Então, adeus até outra vez.

E por este modo separaram-se os amigos; mas não perdemos de todo a esperanza de darmos ao prelo a continuação dos

— ESPERCUADORES.



## O BAILE.

**H**A alguns annos, ouvi uma moça dizer que o baile era — um céu aberto —; hoje, ella mesma sustenta que é — um inferno fechado! — Não querendo suppor que seja a *falta* ou *sobra* do gosto, nem tão pouco a *inconstancia* com que as más linguas brindam o sexo feminino, a causa de opinião tão opposta, inclino-me á crêr que uma e outra tem seu cabimento conforme as circumstancias.

O baile civilisa, instrue e recreia, dizem estes; o baile desmoralisa, deslustra e enfada, accrescentam aquelles: no baile, adquirem-se amizades e relações, trata-se com a sociedade e conhece-se o mundo, affirmam os rapazes; no baile, bradam os velhos, perde-se o pundonor e o brio, estabelece-se o contacto com a pouca vergonha e desconhecem-se os deveres sociaes!.... Ora, ou eu não os entendo, ou não me fallam verdade: que uma coisa póde e não póde ser ao mesmo tempo, ninguém seia capaz de sustentar, e d'ahi parte o meu principio de ju'gar o baile *um céu* ou *um inferno*, segundo a maneira de encaral-o e nunca geralmente.

Desde já declaro-me contra o baile do nosso paiz: foi ahi que perdi a minha liberdade, foi d'ahi que comecei á arrastar os ferros da minha escravidão; porém não é este o principal motivo da minha queixa; ao contrario, capacitado estou de ser o menor e o que eu mais préso. Zeloso como um Beduíno, apaixonado como o Mouro de Veneza, não posso resistir ao desespero que de mim se apossa quando a vejo pelo braço de outro á percorrer os salões e sorrindo ás suas palavras sem expressão, ás suas phrases banaes e lisonjeiras que mil vezes têm sido empregadas n'aquella mesma noite.

Concordo que a mulher não deve ser uma estatua quando collocada entre dois

*cavalheiros*, cada qual mais solícito em prodigalisar-lhe attentões.... ridiculas attentões que em rigor, não valem um olhar; porém, não sabe ella que um riso seu é muitas vezes mais perigoso do que todas as respostas que necessarias pareçam ás innumeras questões que o *pedantismo* traz sempre estudadas? ignora que, cedendo aos caprichos de improvisado cavalheirismo, subinette-se a um exame presidido pela maledicencia? quem sabe?! Mas impossivel lhe é desconhecer a differença que ha no travar-se-lhe da mão: o homem que ama é gelo ou fogo, e soffre de febre ou calafrio, quando sente a ligeira pressão dos dedos da mulher amada; aquelle que a suppõe um passatempo, um desenfado para a sua vida de *conquistador imaginario*, é todo banalidade ou estupidez, e muitas vezes indifferentismo ou grosseria.

Si a nossa sociedade estivesse constituída debaixo das mesmas proporções que muitas outras, si os deveres á ella prescriptos fossem cumpridos em toda a sua extensão, pouco me custaria o sacrificio de que faço alarde; porém, entre nós, ainda a civilisação debate-se com os infamantes principios da devassidão; o homem licencioso e libertino ainda não foi excluido do recinto que só compete ao honesto, em razão de darmos por ora importancia aos effectos e não ás causas.

Uma mãe, ciosa da educação de sua filha, crendo como outros que o baile instrue, ao mesmo tempo que recreia, para lá guia seus passos e trata de cultivar-lhe o espirito nas doutrinas dos salões; um pai, deleixado no extravaganciar de seu filho, julgando tambem como outros que no baile adquirem-se relações e amizades, corre um véu por sobre as despesas á que o louco se entrega, e anima-o na carreira da ociosidade; uma moça, educada debaixo de principios, suppondo o baile *um céu aberto*, precipita-se ao encontro dos prazeres inces-

santes e sempre novos que agradam ao espirito, mas que fallam ao coração uma linguagem diversa da que ella até ntão ouvira; um mancebo, entregue á si mesmo desde a mais tenra idade, acreditando ver no baile a *morada da orgia*, accoinmette com as armas da estupidez a vaidade da mulher: lisonjeiro, prodigalisa-lhe um sem numero de termos escolhidos, porém de ordinario sem nexo, fal-a corar á principio, mas tem certeza de que mais tarde estarão de *accordo*: á esta classe pertence o galardão de transformar o baile em *inferno fechado*.

E d'ahi nasce o grande embaraço de estabelecer-se uma reunião sem mescla: o homem é ávido em adquirir renome, qualquer que elle seja; a mulher é por demais fraca em deixar-se incensar, qualquer que seja o thuribulo que o faça.

O baile perde para mim todo o effeito, toda a belleza, desde que a sociabilidade degenera em liberdade, em licença. Semlo a sua origem destinada á bõa organização de uma sociedade que, por assim dizer, forme uma só familia, impossivel lhe é prosperar emquanto se apresentarem em campo opiniões e mesmo acções tam heterogeneas. — A innocencia é ali posta em hasta; concorrem a infancia, a baixeza, a miseria, para d'ella assenhorearem-se, e então honra, reputação, dignidade, è tudo atassalhado no circulo dos ociosos, dos jogadores, dos bailarinos de nossos dias. Longe de mim a ideia de equiparar todos os mancebos que frequentam salões; seria uma injustiça tanto mais digna de censura, quanto mais limitado é o alcance da minha proposição. Até agora não me tenho referido, e nunca me refectirei, sempre que houver de arrancar mascaras, sinão á essa alluvião de semi-vagabundos que não fallam, não comem, não dormem sinão ao som de contradanças e valsas, e que despertam pronunciando ridiculas declarações de sentimentos, cuja

significação elles ignoram por se achar lóra do seu elemento.

E é por essa razão que a sociedade geme sob o peso do immoral: o baile não tem a forma que se lhe pertendeu dar na sua criação: é—um inferno fechado—, porque todas as suas portas acham-se guarnecidas pelo que ha de mais asqueroso e degradante: *a ociosidade e a infamia*.

C. Ros....

## POESIA.

### VI-A... E AMEI-A !...

Os olhos da minha bella  
São negros e são vivaces;  
Dão assim doce expressão  
A's suas mimosas faces.

Quaes são seus olhos são negros  
Os seus cabellos tambem;  
Com tal composto, mais graça  
O seu semblante contin.

A sua tez não é alva,  
Mas de cor morena e linda;  
Sua bocca é breve, em rosto  
De belleza assaz infinda.

A expressão de seus olhos  
E' tão doce, é tão fagueira,  
Que de amores mata logo  
C'uma força feiticeira !...

E eu morri apenas vi  
O seu todo tão perfeito...  
En senti ao vê-la assim  
Um volcão dentro em meu peito !...

Senti que só adoral-a  
Desejou n'eu coração,  
Que elevado captivou-se  
De tão rara perfeição.

E... adorei-a !... seus olhos  
Voltaram-se então p'ra mim !  
N'um mudo volver disseram  
— Eu tambem te adoro assim.... —

Foi d'est'arte em nós nascido  
Tão casto, tão puro amor...  
Cresceu e com elle eu acho  
Na minha vida doçôr.

Seus affectos, seus extremos,  
Cheios todos de candura,  
Foram p'ra minha existencia  
A mais completa ventura.

FLORIANO ALVES DA COSTA.



### LOGOGRIPO.

A minha primeira só  
Designa-se certo instrumento  
A cujo trabalho dão  
Bem grande aproveitamento.

Porém se então me dobrares  
Verás sem nenhuma falta  
Que mostro com tal junção  
Dignidade mui alta.

E, ainda as duas juntas  
(Muda em O o A segundo)  
Me acharas em qualquer ave  
Que vires por este mundo.

Inda ás duas se quizeres  
O A primeiro em O trocar,  
Sem muito custo me vês  
Dos navios n'um logar.

Mrsmo se à minha primeira  
Um U quizeres juntar,  
Em bem diversos misteres  
Me debes certo encontrar.

Minha primeira e segunda  
Nos sapatos são achadas ;  
Até mesmo nos ourives,  
E nos brazões encontradas.

Mas a segunda e primeira  
Bem mostra caverna ou cova ;  
Tambem que é nome de santa  
Facilmente isso se prova.

A terceira com a quarta  
E' apropriado ensejo  
Em que alguns animaes  
Mitigão vital desejo.

Se a estas terceira e quarta  
Inda um O antepozeres,  
Que é falta de occupação  
Concordarás se quizeres.

A quarta com a primeira  
Certa vestidura é,  
Em muitas corporações  
Um accessorio da fé.

E nem só em certos dias  
Percorro toda a cidade,  
Como em propria occasião  
Me verás em quantidade.

Finalmente, o todo meu  
Existe nas grandes côrtes,  
Os monarchas me possuem,  
E homens de grande portes.

F. A. DA COSTA.



### CHARADA.

Nas Igrejas se me encontra — 4  
E em toda e qualquer parte — 1  
Para que seja perfeito  
Precisa de ter muita arte.

.....  
**A explicação das charadas**  
**do n.º antecedente é: — 1.º**  
**Capoeira — 2.º Jararaca.**  
.....

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida  
rua da Valla, 141.